

E. P. THOMPSON – HISTÓRIA E POLÍTICA

*Déa Ribeiro Fenelon**

I

Falar de Thompson neste seminário, que, em razão de sua morte, procura homenagear e colocar em discussão a trajetória deste historiador inglês, é motivo de pesar pela sua perda, mas de satisfação por participar desta atividade. Aqui, certamente, se proporcionará a ocasião para avaliações e para o diálogo sobre sua obra. Coube a mim o tema História e Política. É fácil prever que diferentes aspectos de sua vida e de sua contribuição, como historiador, serão abordados nesta série de palestras e creio ser uma importante homenagem que poderemos prestar a quem tanto lutou por uma história que buscasse o “fazer-se” dos sujeitos históricos em sua prática social e para quem a experiência social era a mais rica das possibilidades históricas. Procuo, portanto, de maneira geral, falar do assunto e deixar para outros temas mais específicos e discussões mais precisas de categorias de análise propostas por Thompson.

Refazer alguns de seus caminhos, acompanhar suas polêmicas, perceber a essência da mudança e do crescimento e em quais direções, são alguns de nossos objetivos e, por certo, também dos organizadores deste seminário. Ao nos propormos esta tarefa temos a esperança de estarmos também refazendo alguns de nossos próprios caminhos, nossos pontos de vista, esclarecendo dúvidas de interpretações ao longo destes anos, trabalhando algumas diferenciações e, sobretudo, fazendo avançar o tão reclamado debate acadêmico. Que seja Thompson a nos proporcionar esta oportunidade só pode ser motivo de júbilo por, de alguma forma, vivenciarmos suas propostas e darmos corpo e concretude a suas idéias.

Com certeza Thompson sempre me pareceu o historiador em quem desejava me inspirar, com quem estabelecer diálogo, com quem aprender a difícil relação entre orientações teóricas, que ao mesmo tempo valorizassem a prática da investigação, salientassem perspectivas de uma produção de conhecimento, que mantivesse uma relação

* Departamento de História da PUC-SP.

crítica com a pesquisa, a descoberta, e constante coerência com a idéia de lutar pela transformação social, no agora, para forjar um futuro melhor. Um historiador para quem a relação Histórica e Política não tivesse que ser justificada ou explicada a cada passo, porque ela é inerente à sua própria concepção sobre o significado de trabalho intelectual e profissional. Atento às questões do presente, sabendo que seu trabalho exige posicionamentos, a todo instante, ele sempre esteve lá, produzindo, trabalhando, polemizando, ou “demonstrando” contra a instalação dos mísseis nucleares.

Lembro-me de nossas dificuldades para fazer chegar até aos alunos de Mestrado em História, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), nas primeiras turmas de 1976/1977, alguns dos artigos de Thompson sobre a questão da “Lucha de clases sin clase...”, “Tiempo y disciplina en la sociedad industrial...”, “La economía moral del siglo XVIII...”, “Patrician society, plebeian culture...” e muitos outros que acabaram por nos chegar em espanhol, reunidos por Joseph Fontana, em *Tradición, revuelta y consciencia de clase*, em 1979. Mas ficava a maior parte da obra, não só de Thompson, mas de outros e do debate ou das polêmicas geradas em torno de suas posições, só acessíveis a quem dominava a língua inglesa. Várias promessas frustradas e adiadas, promessas de que *The making of the English working class* seria traduzido para o próximo ano, mas estas só se concretizaram em 1987, quando a editora Paz e Terra lançou o 1º volume, em português. Dificuldades quanto à cessão dos direitos autorais, tradução, etc. retardaram o aparecimento da obra em português, pois a 1ª edição, em língua inglesa, surgira em 1963. Edições em espanhol eram disputadíssimas, mas o debate se fragilizava pela incapacidade da maioria de acompanhar seus desdobramentos, ler as revistas especializadas, etc.

Pode-se até registrar o fato de algumas das produções críticas às categorias de Thompson ou os debates sobre classe, experiência, consciência, etc. terem sido absorvidos sem que se percebesse este caráter da crítica ou se desse o devido valor ao significado das posições e do debate. Muitas vezes, também, esta produção foi absorvida como isolada, fora do contexto em que foi motivada, sem atentar para as respostas e as provocações e com isto se perdia muito até do valor das ironias, por exemplo, para não falar apenas do conteúdo.

Isto pode explicar porque mesmo agora, tantos anos depois, alguns ainda absorvem Thompson de maneira acrítica e de certa forma “primitiva” ou como “modelo”, sem perceber as nuances das modificações operadas por ele mesmo, ou a riqueza das discussões daí advindas e por não acompanharem o debate que se estabeleceu depois. De outra forma, alguns de seus mais ferozes críticos, entre nós, ainda combatem hoje posições que nem ele mesmo defenderia da mesma maneira, algum tempo depois, porque esclareceu dúvidas, reavaliou críticas, reviu categorias, realizou outras pesquisas

e também reafirmou entendimentos. Em alguns momentos, a crítica entre nós assumiu até características políticas bastante radicais, que tornaram a leitura bastante indigesta para alguns, que ainda se apegavam à rigidez dos conceitos recitados segundo manuais, não de todo superados, à maneira de Bíblia.

E agora, que também virou modismo decretar a falência do socialismo, o fim do comunismo como regime, e proclamar a vitória incontestada do capitalismo, afastando o marxismo como teoria, prática ou método de análise, a situação se complicou ainda mais, pois, se de um lado a direita se aproveita para dizer que “tudo acabou”, de outro, a própria esquerda não está conseguindo realizar a crítica, enfrentar os problemas e dialogar com algumas questões perturbadoras.

Na verdade, em minha avaliação, creio que Thompson só se tornou mais conhecido na academia, no Brasil, como autor a merecer debate, muito mais por sua polêmica com Althusser e os estruturalistas marxistas, através de seu livro *A miséria da teoria*, traduzido e publicado no Brasil, em 1981, pela Zahar, que significativamente excluiu de sua tradução os outros ensaios da edição inglesa de 1979.¹ O livro imediatamente se tornou ponto para debate na Universidade, principalmente nos cursos de pós-graduação de história e ciências sociais. Por isto mesmo, muito das discussões posteriores, das polêmicas e dos diálogos com outros autores e com a produção da *New Left Review* ou da *History Workshop*, por exemplo, terem sido ignorados. Significativamente, ganha espaço entre nós, no período, todas as traduções das obras de Perry Anderson, que em seu “Arguments within English marxism”² polemizara com Thompson, na defesa do estruturalismo marxista e de Althusser.

Não é, pois, para todos os intelectuais que leram *A miséria da teoria* ou que se empenharam nas polêmicas sobre o estruturalismo, que a figura do “historiador Thompson” se destaca. Para nós, entretanto, este é um grande ponto de aproximação: um historiador que enfrenta as questões teóricas de sua produção intelectual, coisa rara entre os historiadores, que usualmente não tem grande disposição para os debates teóricos sobre os pressupostos da produção historiográfica e suas implicações políticas.

Tanto entusiasmo para falar de Thompson é outro ponto que quero deixar registrado. Por buscar sua inspiração e orientação, claro está que nunca busquei apenas “novos modelos” – como às vezes se imagina ou se diz –, mesmo porque, se a inspiração vem daí, o impulso é de quebrar ortodoxias, é de aprender a construir as

1 Um destes artigos, “The peculiarities of the English”, saiu traduzido há pouco nos *Textos Didáticos*, 10, do IFCH/Unicamp, em 1993.

2 O livro de Perry Anderson teve uma tradução espanhola com o título *Teoría, política y historia. Un debate con E. P. Thompson*. Madrid, Siglo XXI, 1985.

categorias, é explorar as experiências vivenciadas e descobrir, neste diálogo constante com as fontes, as possíveis leituras de outras experiências, de outras realidades, porque, como diria o próprio Thompson, “visto que a classe é uma formação tanto cultural como econômica tive sempre o cuidado de evitar generalizações”.

No entanto, para seguir-lhe o exemplo de sempre polemizar e aproveitando a deixa, queria levantar mais um ponto para o debate e que perturba nosso ambiente acadêmico: o porquê da idéia sempre presente, entre nós, de aquilo que vem da linha dos *Annales* ser considerado como herança cultural natural, ser absorvido como “a maneira de se escrever a história” e de ser apresentado como o exemplo a ser seguido, sem muita discussão sequer sobre as implicações políticas desta forma de fazer história.

Ao contrário, aquilo que se diferencia dessa tradição é imediatamente considerado como “desvio”, precisa de rótulos. E aqueles que não compartilham das mesmas práticas historiográficas, acabam por merecer adjetivos desqualificadores, como já foram objeto muitos dos que se propuseram a trabalhar na linha de Thompson. O triunfo das perspectivas da historiografia dos *Annales*, das mentalidades, da Nova História, se impõe cada vez mais, na academia, como uma tentativa de hegemonizar a produção historiográfica. Sem discutir ou se preocupar com as questões teóricas e metodológicas, acabam por produzir uma idéia de exclusividade ou unidade, que é apenas aparente, e serve mais para excluir outras abordagens.

Por tudo isso, quero salientar a importância da oportunidade de, ao nos reunirmos, um numeroso grupo de historiadores, em torno da figura de um intelectual polêmico, quem sabe valorizar o momento, já que estes são raros, para enfrentarmos nossas questões. Que o Departamento de História da USP e também da PUC nos proporcionem esta oportunidade, é motivo de satisfação para todos nós.

II

Para Harvey J. Kaye, que publicou uma avaliação famosa sobre os “Os historiadores marxistas ingleses”³ e escreveu um elogio póstumo em razão da sua morte, Thompson foi, inegavelmente, um dos maiores historiadores de nosso tempo e seu livro *A formação da classe operária inglesa* o “mais importante e influente livro de história social jamais escrito”, no sentido não apenas da Inglaterra, mas de outros países do mundo, especialmente os de língua inglesa. E é sua avaliação que, com sua

3 Kaye, Harvey J. *The British marxist historians. An introductory analysis*. Cambridge, UK., 1986, Polity Press. Também em colaboração com Keith McClelland, *E. P. Thompson – Critical Perspectives*. Cambridge, Polity Press, 1990.

obra, Thompson proporcionou um “manifesto poético para historiadores radicais se dedicarem à reconstrução das vidas e ações das classes trabalhadoras e dos oprimidos”.⁴

Também no Brasil, por exemplo, estaria por se fazer um levantamento de quantas teses e dissertações, livros ou artigos publicados e defendidos nos últimos 20 anos, dentro ou fora dos cursos de pós-graduação, buscaram sua inspiração na obra de Thompson e registraram, de alguma forma, citações já famosas do prefácio, tais como:

A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se...;

... por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como da consciência...;

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus...;

A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição...;

... finalmente... estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro “ludista”, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão utópico e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social e nós não...⁵

De qualquer forma, aí estão definidas as características básicas de que se convencionou chamar de uma *history from below* (história vista de baixo), como uma perspectiva de trabalho para o historiador. Neste artigo de 1966, Thompson já chamava a atenção para o fato de que, mesmo a história do trabalho, ao se institucionalizar e obter reconhecimento acadêmico, estava sendo questionada principalmente na mudança da ênfase das temáticas sobre as instituições do trabalho, as organizações sindicais e

4 Harvey, J. “E. P. Thompson: historian and radical”. *Perspective*, nov. 1993.

5 Thompson, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

partidárias, ideológicas e lideranças, para uma preocupação com a cultura dos operários, em sua dimensão de constituição de modos de vida, de valores, de estruturas de sentido, etc.⁶

Em artigo com este mesmo título, “A história vista de baixo”, Jim Sharpe considera que esta perspectiva atraiu, de imediato, aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão freqüentemente ignorada, ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história.⁷

Em coletânea dedicada a George Rudé, *A outra história*, um artigo de Hobsbawm⁸ chama-nos a atenção para os riscos e as dificuldades desta tarefa, principalmente se considerarmos o problema das fontes e dos materiais inexistentes. Qualquer um que tenha se embrenhado por estas perspectivas sabe dos problemas a serem enfrentados, e está sempre suspirando de inveja pela riqueza dos arquivos europeus quando acompanha pesquisas feitas mesmo sobre séculos anteriores. Basta ler também *Senhores e caçadores* para ver as reclamações de Thompson sobre como na Inglaterra não se preservaram as fontes relativas aos processos da Lei Negra. Mas a nossa realidade é a da carência de fontes bem preservadas e, principalmente, organizadas e sistematizadas, quando se trata de trabalhadores ou dos movimentos sociais em geral. Felizmente, a consciência desta necessidade, não apenas de preservar a memória, mas de colocar os arquivos à disposição dos pesquisadores, vai se difundindo entre nós e já é possível, hoje, contar com inúmeros centros de documentação, que realizam este trabalho e esta discussão e possuem acervos sistematizados, ricos e abertos à consulta de todos.

Por outro lado, as conceituações sobre fontes e sobre o que seja documento histórico foram alargadas e já deixamos de lado a antiga concepção de se pensar no texto escrito como único recurso digno da atenção dos historiadores. Hoje já se valorizam as canções, as poesias, as festas, os cantos populares, tudo transmitido através da tradição oral e também, porque não, os desenhos, as pinturas, as fotografias, etc. Isto nos levou a um diálogo maior com outros tipos de produção, como as da literatura, da sociologia e da antropologia e tem ampliado o diálogo dos historiadores, sobre as

6 Thompson, E. P. “History from below”. *The Times Literary Supplement*. April 7, 1966, pp. 279-81.

7 Sharpe, Jim. “A História vista de baixo”. In: Burke, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo, Ed. Unesp, 1992, pp. 39-62.

8 Krantz, Frederick (org.). *A outra história. Ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

definições de seu objeto de pesquisa, com outros cientistas sociais, além de nos proporcionar um grande número de obras bastante interessantes e que antes não teria sido possível ou, muitas vezes, nem sequer iniciado diante da constatação preconceituosa de serem inviáveis.

É certo também que, muitas vezes, a produção realizada com a perspectiva de “ver a história de baixo” tem servido apenas para se reescrever a história do movimento operário ou de movimentos rotulados grosseiramente como de resistência, invertendo-se os sinais, isto é, criam-se os heróis, os dominados dirigem o processo e só serão derrotados por não conseguirem realizar algum ponto de seu destino! Não houve, nestes casos, muitas vezes, uma mudança real de supostos e nem na maneira de abordar os recursos e as fontes da historiografia. Entretanto, os usos e abusos desta perspectiva servem para avaliarmos os problemas, fazermos as críticas, mantermos o diálogo e continuarmos em uma historiografia que seja capaz de recuperar todos os sujeitos históricos. Que ela se mantenha atenta a uma audiência para além dos muros da academia é um objetivo, e se para atingi-lo tiver que ser considerada como desestabilizadora do conjunto da historiografia já existente, tanto melhor. A busca do consenso e da unidade, definidas a partir de cima, como linha de trabalho ou de omissão, há muito deixou de ser meta a se buscar. A exigência da investigação séria, a busca da recuperação de propostas alternativas, que foram sufocadas no caminho da luta, as condições de vida e a constituição da cultura e dos valores dos trabalhadores são as temáticas que interessam hoje e que a leitura e o exemplo de Thompson podem nos inspirar no caminho a percorrer.

Mas, voltemos ao historiador Thompson para tentar acompanhar um pouco mais sua trajetória como intelectual nesta relação que é o tema de nossa palestra: História e Política.

Filho de educadores missionários que viveram na Índia, abraçaram a causa do nacionalismo indiano, foram críticos severos do imperialismo inglês e privaram da amizade pessoal de Nehru, Thompson iniciou seus estudos de literatura na Universidade de Cambridge, para logo depois se interessar e se transferir para a história. Neste período, filiou-se ao Partido Comunista inglês e teve de interromper seus estudos para juntar-se aos exércitos ingleses. Entre 1942-45 lutou na África do Norte, na Itália e na Áustria. Ao fim da Segunda Guerra Mundial retornou a Cambridge, terminou seus estudos em história e casou-se com Dorothy, uma colega de história. Em 1947 esteve na Bulgária, onde recebeu as homenagens ao irmão Frank, que havia lutado junto às brigadas búlgaras e, no verão, esteve na Iugoslávia, com um grupo de voluntários ingleses, para participar da construção de uma ferrovia. Sobre esta experiência Thompson vai se referir com entusiasmo aos novos valores de um socialismo nascente, uma

ética cooperativa e uma ênfase nas obrigações dos indivíduos para com seus vizinhos e com a sociedade, citando sempre os versos da canção popular dos voluntários, neste trabalho: “nós construímos a ferrovia e a ferrovia nos construiu”.⁹

Sem se dedicar especificamente à carreira acadêmica, embora ocasionalmente trabalhasse em importantes centros como o da Universidade de Warwick, chama a atenção o fato de não ter jamais preparado uma obra especificamente para um grau acadêmico. Por alguns anos, ministrou classes para educação de adultos, operários, ocasião em que iniciou seus estudos sobre o que seria sua primeira obra de fôlego, *William Morris: romantic to revolutionary*, publicada em 1955, que ele sempre admitiu ter surgido de suas atividades como professor, neste período. É certo que seu interesse por Morris deu-lhe o gosto pela investigação:

Penso que é como ser pintor ou poeta. O poeta adora as palavras, o pintor adora as cores. Comecei a achar fascinante a possibilidade de ir ao fundo das coisas, nas fontes mesmas. Penso que apanhei aí este fascínio pelos arquivos. Penso que esta prática mais as discussões com duas ou três pessoas, e minha participação no Grupo de Historiadores do Partido Comunista, onde fazíamos discussões teóricas todo o tempo, me fizeram historiador. O intercâmbio formal e informal com os companheiros socialistas me ajudou mais do que qualquer outra coisa que havia encontrado em Cambridge. Isto não é para dizer que não valorizo a universidade, mas para enfatizar a necessidade de não dependermos dela, apenas das instituições, mas de nós mesmos e sempre nos ajudarmos uns aos outros.¹⁰

E, assim, insiste Thompson diante de seu interlocutor: “na verdade, nunca tomei a decisão de ser historiador”. Se alguma opção houve naquele momento, foi a do trabalho político e a partir daí o gosto e a dedicação pela história. Mas a decisão dos historiadores do Partido Comunista inglês de se organizarem em um Grupo, em 1946, e seu trabalho subsequente por quase uma década, marcaram a historiografia inglesa. Nomes como Christopher Hill, Rodney Hilton, Eric Hobsbawm, Raphael Samuel, Dorothy Thompson, George Rudé e inúmeros outros, para citar apenas os mais conhecidos entre nós, fizeram parte deste trabalho. Não há dúvidas, entre eles, de que sua formação intelectual foi marcada por estas discussões, debates, *papers*, exposições, críticas e reuniões, sobretudo se considerarmos o grau de instância organizada, mesmo que não

9 Thompson, E. P. *The Railway: an adventure in construction*. Londres, 1948. Referido na “Entrevista com E. P. Thompson”, publicado na Revista da Mahro e depois no livro *Visions of history*, by Mahro. The Radical Historians Organization. Nova York, Pantheon Books, 1976/1982. Traduzida e transcrita ao final de *Tradición, revuelta y consciencia de clase*. Barcelona, Editorial Crítica, 1979.

10 Merril. Interview: *Visions of history*, op. cit., p. 13.

acadêmica. Foi neste contexto de trabalho que Thompson reconhece que “aprendeu a fazer história”, amadureceu suas reflexões, enfrentou as críticas, forjando e definindo a todo instante seu relacionamento com o passado, a partir das demandas do presente, dedicando-se ao trabalho intelectual como um componente ativo na construção do socialismo e habituando-se na disciplina de manter a natureza autônoma e ao mesmo tempo coletiva de toda a produção conseguida pelo Grupo.¹¹

Desde as discussões sobre as práticas do Partido Comunista inglês, às questões enfrentadas no pós-guerra, parece certo dizer que as grandes questões deste grupo de intelectuais eram, sem dúvida, seu comprometimento com as definições e teorizações de uma política cultural nacional-popular, que valorizasse o povo, a nação e sua luta histórica pela democracia. Ainda que seja Maurice Dobb uma das figuras mais influentes sobre o Grupo, todos eles deixavam implícito, já na década de 40, em seus escritos, uma forte tendência e desejo de romper com o reducionismo economicista, considerado como a vulgarização do marxismo, e estavam dispostos a uma batalha de idéias para levar avante suas posições.¹² Movimento semelhante acontecia na produção da literatura e da crítica literária e parece certo poder afirmar que há também no Grupo de Historiadores, desde sua formação, uma preferência e um interesse grande pelo estudo da cultura, que levou a aproximações importantes com os estudos de Raymond Williams, *Culture and society* (1958), e Richard Hoggart, *The uses of literacy* (1957). Pelo menos nos estudos de Thompson esta preocupação é sensível. O uso da literatura e da poesia, como fontes, pode mesmo ser considerado uma constante em suas obras, desde *William Morris*, ou na *Formação da classe operária*, anos mais tarde, a ponto de ter sido rotulado, por alguns, como um “culturalista”, no sentido pejorativo e superficial, sem maiores aprofundamentos sobre sua proposta de análise.

O diálogo com Williams nem sempre foi tranqüilo, a princípio com resenhas ácidas e críticas duras, de parte a parte, mas aos poucos foram compreendendo e explicando melhor seus pontos de vista e aplainando as divergências para perceberem que, afinal, não estavam tão distantes. Absorvidas as críticas e trabalhadas as diferenças houve, principalmente através de outros historiadores e literatos que trabalhavam dentro das preocupações dos Estudos Culturais, um produtivo entrosamento.

11 Palmer, B. D. “Learning to be left”. In: *The making of E. P. Thompson: marxism, humanism and history*. Toronto, New Hogtown Press, 1981, pp. 35-6.

12 Schwarz, Bill. “The people in history: the comunist party historians group, 1946-1950”. In: *Making histories. Studies in history writing and politics*. Johnson, Richard (ed.). *Center for contemporary cultural studies*. Londres, 1982, pp. 44-95.

Não há dúvida de que ao lidar com a categoria “cultura” em todo o conjunto de sua obra, mas especialmente na *Formação da classe operária*, Thompson propõe uma outra maneira de buscar e de investigar as “experiências” dos trabalhadores, não apenas em suas relações econômicas, mas nos seus modos de vida, em suas lutas diárias, nos seus hábitos, valores, dietas, formas de vestir e de morar, de comemorar, de festejar, de cantar, de transmitir suas tradições orais, de viver com elas ou de resistir às transformações também como vivência cotidiana em seu dia-a-dia, e esta é uma nova maneira de ver a luta de classes em seu processo histórico. E é aí que podemos avaliar a *maneira como essas experiências são elaboradas em termos culturais, incorporadas às tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais que podem se constituir em consciência de classe.*

A proposta era polêmica, sobretudo na forma de operacionalização, no sentido de concretizar a investigação, e isto vai ser sempre cobrado de Thompson. Lendo a obra, seu detalhamento, a investigação cuidadosa, as precauções quanto às afirmações, interferências ou generalizações, pode-se sentir sua preocupação com o ofício do historiador, e o significado de suas discussões sobre o diálogo constante com as fontes, que ocupam muitas páginas de seus argumentos na *A miséria da teoria*, seu entusiasmo com os arquivos, sua discussão sobre a “lógica histórica” e “o discurso disciplinado da prova”. Também a obra *Senhores e caçadores* nos leva a estas reflexões, no acompanhamento dos processos, na discussão da rebeldia negra e do valor atribuído à lei, tudo muito bem apresentado como a leitura possível diante de material encontrado. E ele não se cansa de repetir que a importância da história real, da investigação empírica, é que ela não somente testa a teoria, mas reconstrói a teoria. Sem esta predisposição para trabalhar com a teoria, mas também com a investigação e a pesquisa, enquanto campo de exploração de possibilidades, não haverá contribuição possível. O historiador tem de estar alerta todo o tempo, com a responsabilidade constante de discutir passo a passo a teoria com a qual trabalha, sem confundi-la com a metodologia ou as técnicas de investigação. E é esta a polêmica principal que sustenta todo o tempo na *A miséria da teoria*. E está lá sua célebre afirmação, de que, como historiador, só conseguiu avançar em seu trabalho, quando se convenceu de que “a teoria não tinha sede nem no Partido e nem no Departamento de Filosofia”.

Muito das críticas levantadas a respeito da *Formação da classe operária* diz respeito exatamente a uma perspectiva de que o livro indica as direções de investigação, pesquisa e interpretação e traça as linhas de compreensão de como a classe operária determinou ou foi determinada, no processo específico da industrialização inglesa, mas não concretiza esta expectativa. Em outros trabalhos posteriores, ao invés de avançar para o século XIX, para acompanhar este processo, Thompson volta ao século XVIII.

Por várias razões, segundo ele, novas questões são colocadas – questões históricas e teóricas que necessitam mais investigação–; e é o que ele se propõe em seus estudos sobre o século XVIII. E, juntamente com vários outros autores marxistas ingleses, Thompson contribuiu para a revisão necessária da visão de um século XVIII de aparente estabilidade política e social.

Assim, enquanto historiador que sempre trouxe a política intimamente associada à sua profissão e por isso sempre reafirmou o compromisso constante com o seu tempo, é possível identificar em sua obra, desde cedo, outra abordagem engajada, no tocante a valores humanistas, na linha do socialismo, e, sobretudo, o destaque para a idéia de que os homens fazem sua própria história, acentuando sempre este lado da ação humana. Idéias polêmicas que lhe valeram qualificativos de “idealista” e de “socialista utópico” ou reformista, e que o acompanharam ao longo dos anos. Ação e luta estiveram intimamente relacionadas, sem no entanto permitir que os sujeitos perdessem sua força e sua identidade.

Não é difícil perceber que tendo se tornado um dissidente, em 1956, quando rompeu com o Partido Comunista inglês e com o movimento Comunista Internacional, liderado pela URSS, pelas discordâncias óbvias com o stalinismo e os usos totalitários da teoria marxista, sua historiografia passa a se identificar em todos os momentos da crítica, da polêmica e da revisão, com suas divergências teóricas e sua posição de dissidente.

A proposta de continuar o grupo de historiadores, sem filiação partidária e com adesões ampliadas, não teve muito sucesso. E os compromissos assumidos, dentre outros, os de reescrever a história inglesa, intervir na elaboração dos livros didáticos e no ensino e batalhar para manter viva a luta pela cultura da classe trabalhadora, vão sendo cumpridos esparsa e individualmente, com outros grupos que se organizam, outras revistas que são criadas e outros trabalhos que avançam.

Fazer, pois, do compromisso de escrever a história vista de baixo, como sendo a história da luta e da opressão de classes, no contemporâneo, fazendo surgir todos os sujeitos, combinando a investigação histórica com valores socialistas humanistas,¹³ sem perder a dimensão da “lógica histórica”, é o desafio que Thompson legou aos historiadores que nele se inspiraram. Tudo dentro do que ele chamaria de tradição marxista, isto é, examinando as fronteiras do desconhecido, interrogando os silêncios, sem querer apenas coser conceitos novos em pano velho, mas reordenando as categorias.

13 Thompson, E. P. “Socialist humanism”. *New Reasoner*, Summer, 1957.

III

Disposto a “fazer história” que significasse compromisso e engajamento com seu tempo, Thompson é antes de tudo um dos grandes exemplos de intelectual militante que discute supostos teóricos, como já acentuamos, sem se descuidar da necessária investigação empírica para sustentar posições. Com isso consegue mostrar que não há separação possível entre as lutas empreendidas no social e a produção intelectual, ainda que se reconheça a dificuldade, não apenas de realizar estas premissas, mas de manter a coerência nas práticas sociais demandadas pela realidade do tempo histórico vivido. Por isso mesmo, a preocupação com o diálogo, a polêmica sustentada com vários autores e a referência constante de que história e política em sua obra sempre estiveram intimamente relacionadas; e ele não saberia fazer diferente. Isso não significava, para Thompson, a supressão sistemática das evidências “inconvenientes” ou que não se adequassem a seus propósitos políticos, como faziam muitos dos intelectuais militantes da esquerda marxista ou ativistas do período. Suas críticas acerbas, seu rigor de pesquisador exigente, foram sempre dirigidos aos adversários da direita, bem como aos de seu próprio campo, o que de alguma forma lhe garantia credibilidade e lhe valeu acusações ora de ser agente da Otan, ora do Pacto de Varsóvia, ou de ser “duro” com o capitalismo e “mole” como o comunismo.

Veja-se, por exemplo, sua opção na década de 80, de colocar de lado, por algum tempo, seus estudos e pesquisas sobre o século XVIII inglês, para participar e liderar movimentos ingleses e europeus de armamento nuclear (CND – Campanha de Desarmamento Nuclear e END – Desarmamento Nuclear Europeu) por considerá-los, naquele momento, como prioridade na luta política. E é sobre os assuntos de sua prática social, no período, que ele trabalhou e produziu conhecimento, aliás pouco conhecido no Brasil. Na condição de militante ativo do movimento pacifista e de desarmamento nuclear, Thompson tornou-se uma figura conhecida nos meios de comunicação europeus, realizando entrevistas e palestras e se envolvendo em duras polêmicas e debates com personalidades de destaque dos meios governamentais, principalmente militares, a cujas questões se dedicou em profundidade, fazendo conferências por toda a Europa e Estado Unidos.

Em famoso artigo “Notes on exterminism”,¹⁴ publicado na *New Left Review*, em 1980, Thompson chama a atenção para o que considerava o “imobilismo” da

14 Thompson, E. P. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo, Brasiliense, 1985. Contém as discussões ocorridas em um Simpósio em torno do artigo de Thompson e as opiniões de vários autores e intelectuais americanos e europeus. Sobre estas discussões há também *Protest and survive* (Londres, 1980), coleção de artigos organizados em co-edição; *Beyond the cold war* (Nova York,

esquerda marxista, incapaz até ali, de se posicionar melhor teoricamente, ou de produzir qualquer base de interpretação para a Guerra Fria e a situação mundial posterior, que não fossem os inevitáveis chavões sobre a “vontade perversa de imperialismo”.

Para examinar a dinâmica interna e a lógica do processo, Thompson propõe uma nova categoria de análise para a Guerra Fria:

Não é propriamente o caso de revolver as entranhas de dois diferentes modos de produção, buscando augúrios quanto ao futuro, se é que somos tão desatentos para perceber a que produzem esses modos. Pois o que está sendo produzido cada vez mais pelos EUA e pela URSS são os meios de guerra, assim como o que está sendo exportado cada vez mais por ambas as potências para o Terceiro Mundo, em uma rivalidade competitiva, são materiais bélicos e respectivos sistemas, infra-estruturas e tecnologias militaristas. Aqui há uma dinâmica interna e uma lógica recíproca que requerem uma nova categoria de análise. Se o “moinho manual nos dá uma sociedade com o senhor feudal”; o “moinho a vapor uma sociedade com o capitalista industrial”; o que nos é dado por esses “moinhos setânicos que agora estão em funcionamento, moendo os meios de extermínio humano?”. Já cheguei outras vezes a esse ponto de raciocínio, mas desviava os olhos por desespero. Agora, quando o encaro diretamente, sei que a categoria de que precisamos é a do “extermínio”.¹⁵

Na verdade, a discussão e os argumentos de Thompson vão na direção de mostrar os crescentes comprometimentos dos orçamentos dos países, em todas as partes do mundo, com os gastos militares e o fato de que, na maioria das vezes, as decisões sobre tais investimentos, na área, escapavam ao controle, ou deixavam de ser opções políticas de executivos ou de legislativos para se tornarem o exclusivo campo de decisões técnicas, militares ou burocráticas em nome de uma suposta “paridade” armamentista decidida há muito tempo, sem que se reavaliasse o significado das decisões, apanhados que estavam na armadilha de um caminho dito necessário e sem volta.

Não há dúvida, entretanto, de que a principal contribuição de Thompson nesta polêmica foi a de trazer para o campo do debate político aberto, questões que teimavam em permanecer no campo cerrado da “segurança nacional”, ou mesmo dos detalhes técnicos e números de comitês reservados e sessões secretas. Principalmente conside-

1982) e *Zero option* (Londres, 1982), além de inúmeros artigos esparsos em jornais e revistas do movimento pacifista e outros. Nesse aspecto, a coletânea de 1980, *Writing by candlelight*, resumindo a produção dos anos anteriores, representa o esforço de desmontar passo a passo “os meios empregados para oferecer o que se denomina e elabora como ‘consenso’ da opinião pública nos limites da vida política inglesa”.

15 Thompson, op. cit., pp. 20-1.

rando-se o fato de que suas críticas se dirigiam a ambos os poderes mundiais, seu papel foi o de chamar a atenção do grande público europeu para o fato de que se devia reconhecer: a rivalidade Leste/Oeste havia se desenvolvido acima das cabeças e dos interesses europeus e era chegada a hora de eles mesmos refletirem e decidirem, politicamente, sobre como desenvolverem as condições necessárias para proporcionar o fim da Guerra Fria. Este é o ponto principal, batido e rebatido por Thompson, e que sempre colocava o componente da questão e a “necessidade da paz” e não da guerra, como alternativa.¹⁶

Não se podia dizer que o assunto não era polêmico e que Thompson não se dedicou a ele com toda a sua energia, escrevendo panfletos, lançando jornais, artigos, cartas ao leitor e ao editor, dando entrevistas e realizando conferências, onde quer que fosse chamado, no rádio e na televisão, a ponto de se tornar uma figura popular, como o Professor Thompson, liderança do movimento pacifista e pelo desarmamento nuclear.

E as questões levantadas não deixavam de ser aquelas que o acompanhavam como historiador: a necessidade de entender a Guerra Fria como um fenômeno multifacetado, emanado das condições políticas, econômicas, culturais e militares e não apenas como uma lógica militarista entre “dois blocos”, como queriam alguns, e ainda mais, suas propostas práticas de que somente a revolta e a ação dos cidadãos conseguiriam se contrapor a um processo social que poderia levar os países, coletivamente, a um conflito nuclear, quando nenhum indivíduo assim o queria.

Criticado por seu excessivo otimismo – o que segundo alguns o fazia assumir posições idealistas –, ainda assim nunca abdicou de sua constante ênfase na ação humana como propulsora da história.

Mas as questões teóricas levantadas contra a categoria “exterminismo” foram fortes. Raymond Williams aponta mesmo um certo “determinismo tecnológico” no sentido de que as armas nucleares ironicamente passavam a constituir-se em uma força incontrolável e impessoal. Outros consideram que mesmo se levando em conta a grande autonomia dos setores produtores de armamentos, no Leste e no Oeste, estes estariam longe de poderem ser configurados como um modo de produção e, levando mais à frente os argumentos de Williams questionam quais seriam as forças capazes de ação, no sentido da mudança, dentro deste modo de produção. Tratava-se da volta tanto aos argumentos ortodoxos das contradições internas para fazer caminhar a roda da história como as da ação dos sujeitos, tão cara a Thompson.¹⁷

16 Bess, Michael D. “E. P. Thompson: the historian as an activist”. In: *American Historical Review*, 98(1):19-38, feb. 1993.

17 Shaw, Martin. “From total war to democratic peace: exterminism and hystorical pacifism”. In:

Bastante enfatizada por todas as críticas é o fato de que a discussão sobre a Guerra Fria trouxe à tona a incapacidade, não apenas dos historiadores socialistas, mas dos historiadores em geral, de lidar com as formulações teóricas sobre a guerra, na sua dimensão histórica, a participação dos trabalhadores e de suas organizações e o futuro do movimento pacifista, todas questões vitais aos socialistas e aos historiadores como Thompson, que colocavam premissas teóricas para sustentar sua prática, tanto historiográfica quanto social.

Refazendo alguns de seus argumentos, reconhecendo alguns exageros polêmicos e respondendo às críticas, ainda assim Thompson insiste em “Europa: o elo mais frágil da Guerra Fria”, artigo também publicado ao final do debate sobre “Exterminismo”, em considerar relevante e extraordinário, o sucesso e os bons resultados da discussão, pois “Inaugurou um discurso internacional do tipo novo”. E acrescenta:

Reluto em abandonar a categoria de “Exterminismo”... o termo em si mesmo não importa, é feio e ultra-retórico. O que importa é o problema que ele aponta. No impulso inercial e na lógica recíproca dos sistemas antagonônicos – e na centrifugação dos interesses materiais, políticos, ideológicos e de segurança que os acompanham – permanece algo que não pode ser explicado com as “categorias de imperialismo” ou “luta de classes internacional”.¹⁸

De alguma forma, em seus escritos deste período e em sua participação nestes movimentos pacifistas e pelo desarmamento nuclear, Thompson mostra como jamais abandonou a discussão de questões teóricas de relevância para o historiador, sobretudo as que dizem respeito à compreensão de que afinal o que a história coloca em debate é exatamente esta inter-relação do passado com o presente e o futuro. E os pontos de destaque não deixavam de ser os de sua prática anterior: história e teoria, biografia e política, cultura e ideologia, guerra e paz, experiência, etc. Fosse em sua ação prática ou na produção de artigos e panfletos, estava enfrentando as questões de ações históricas, de movimentos, comitês, ou grupos que se organizavam na defesa de algum princípio de ação e para isso enfrentavam o poder, os tanques, os mísseis ou os governos de ambos os lados.

A partir da queda do muro de Berlim, dos acontecimentos da Praça da Paz, do desenvolver da situação na URSS e em resposta aos que tratavam dos “Fins da Guerra Fria”, da derrocada do socialismo, do fim do marxismo e até da história, Thompson

Kaye, Harvey J. and McClelland, Keith (eds.). *E. P. Thompson. Critical perspectives*. Cambridge, Polity Press, 1990, pp. 232-51.

18 Thompson, E. P., op. cit., pp. 239-40.

continuava insistindo na necessidade de os historiadores, principalmente os socialistas, terem presente que

Nosso argumento jamais se limitou a um interacionismo de sistemas de armamentos (especialmente nucleares), como às vezes se supôs. O trabalho do movimento pela paz não foi apenas o de opor, mas também o de expor e de desmistificar o vocabulário malcheiroso das armas nucleares, revelá-las não apenas como armamentos, mas também como retórica simbólica, para a “supressão” da polícia e a substituição da ameaça de aniquilação pela resolução negociada das diferenças.¹⁹

Neste sentido, Thompson prefere pensar o fim da Guerra Fria não apenas como uma derrota do socialismo, mas como uma reabertura de possibilidades antes fechadas, em parte como consequência das pressões populares, em ambos os lados. Considerando que os movimentos pacifistas e anti-nucleares sempre procuraram explorar as possibilidades de “terceiras vias” para não reduzir a análise da Guerra Fria apenas ao choque de “dois blocos”, acentua, mais uma vez, uma crítica forte, principalmente a alguns setores da esquerda marxista, que por insistirem apenas neste antagonismo maniqueísta acabaram imobilizados diante dos acontecimentos e por terem de admitir a leitura do fim da Guerra Fria como um obituário, não apenas sobre o comunismo de comando e o “socialismo realmente existente”, mas sobre qualquer alternativa à sociedade capitalista.²⁰

Em sua participação nestes movimentos e debates, Thompson costumava definir-se, a princípio e em sentido bastante estreito, como um “pacifista nuclear”. Mas ao elaborar um pouco mais as questões e com o avanço da “paridade” armamentista, acabou por reconhecer o horror tanto das armas convencionais quanto das nucleares, concluindo não ser mais suficiente lutar apenas pelo desarmamento nuclear. Reafirmando a necessidade de alargar seus objetivos, o movimento pacifista elaborou posições teóricas e práticas para condenar a todos os tipos e recursos à guerra. Neste sentido, diz Shaw, seria melhor classificá-lo como um “pacifista histórico”, baseado no argumento de que a sociedade atingiu o ponto onde o recurso à guerra seria inviável, pela destruição. Raciocinando desta maneira, o movimento pacifista precisava convencer a todos de ser um genuíno movimento para uma sociedade sem guerras, ou sem preparação para a guerra, e não uma forma alternativa de segurança militar

19 Thompson, E. P. “Os fins da Guerra Fria: uma resposta”. In: Blackburn, Robin (org.). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo, Paz e Terra, 1992, pp. 73-85.

20 Thompson, E. P., op. cit., p. 80.

coletiva. Para retomar o sentido e dar conteúdo à idéia de democracias em paz, o movimento pacifista deveria retomar sua principal articulação com a questão básica, sempre colocada, da liberdade.²¹

E os acontecimentos no Leste Europeu, nos últimos meses, testam de certa forma aquelas chamadas posições otimistas sobre a “maturidade” das nações européias para conduzir suas diferenças. Mostram também, mais uma vez, que, a insistência de Thompson quanto ao “imobilismo” da esquerda, incapaz de produzir, sejam análises explicativas para estes acontecimentos, sejam ações ou reações, para qualquer solução do problema, mantém-se atual. E assistimos, paralisados, às matanças e à destruição de cidades e cidadãos sérvios e croatas, tudo em nome de explicações rasas da grande imprensa sobre o nacionalismo e o fundamentalismo religioso, sem estabelecer com estes acontecimentos qualquer relação crítica a não ser o horror moralista.

21 Shaw, Martins, op. cit., p. 249.